



Serena Valentino

Coração Gelado

A história da madrasta da Cinderela

UNIVERSO DOS LIVROS

Coração Gelado

Universo dos Livros Editora Ltda.
Avenida Ordem e Progresso, 157 - 8º andar - Conj. 803
CEP 01141-030 - Barra Funda - São Paulo/SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: [@univdoslivros](https://twitter.com/univdoslivros)

Serena Valentino

***Coração
Gelado***

A história da madrasta da Cinderela

São Paulo
2021

Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS

Cold hearted

Copyright © 2021 Disney Enterprises, Inc. All rights reserved. Published by Disney • Hyperion, an imprint of Disney Book Group.

Adaptado parcialmente da animação da Disney *Cinderela*

© 2021 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: Luis Matos

Gerente editorial: Marcia Batista

Assistentes editoriais: Letícia Nakamura e Raquel F.

Abranches

Tradução: Michelle Gimenes

Preparação: Tássia Carvalho

Revisão: Juliana Gregolin e Alessandra Miranda de Sá

Arte: Renato Klisman

Ilustração da capa: Jeffrey Thomas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

V252c Valentino, Serena

Coração gelado : a história da madrasta da Cinderela / Serena Valentino ; tradução de Michelle Gimenes. -- São Paulo : Universo dos Livros, 2021.
208 p. (Vilões da Disney ; 8)

e-ISBN 978-65-5609-121-1
Título original: *Cold Hearted*

1. Literatura infantojuvenil 2. Literatura norte-americana 3. Vilões I. Título II.
Gimenes, Michelle

21-2500

CDD 028.5

*Dedicado a Rich Thomas:
Sem o incentivo e a orientação que você e outras pessoas
talentosas da Disney me deram todos esses anos, eu jamais
teria escrito esta série. Serei eternamente grata a todos
você.*

CAPÍTULO I

O LIVRO DOS CONTOS DE FADAS

AS TREMAINE

Não muito tempo atrás, mas em uma região um tanto longínqua, embora ainda dentro dos muitos reinos, havia um velho castelo. Esse castelo tinha duas características interessantes: a primeira e mais importante era que Cinderela, rainha em seu próprio reino, costumava chamar esse lugar esquisito e agourento de lar. A segunda era que o castelo gerava rumores estranhos – diziam ser assombrado por Lady Tremaine e suas duas filhas.

Supostamente, as filhas de Lady Tremaine, Anastácia e Drizela, vagavam pelo castelo em seus vestidos brancos, e diziam que o espectro da mulher era visto conversando com seu amado gato, Lúcifer, para quem ela lamentava a perda de seu grande amor.

Os rumores eram de uma história de fantasma trágica, cheia de tristeza e mentiras. Mas a verdade era bem mais interessante. Apesar da aparência espectral, a senhora e as filhas estavam bem vivas, e de fato viviam trancafiadas no velho e decadente castelo, sem esperança de escapar. Veja bem, ao contrário de Cinderela, as irmãs Tremaine não tinham uma fada madrinha que zelasse por elas.

Provavelmente não é preciso falar a respeito do passado de Cinderela, de quando ela ainda não era rainha e morava com as Tremaine. Se você pegou este livro para ler, deve conhecer bem a história de Cinderela; no entanto, caso esteja por fora dos muitos reinos, e, por determinado motivo, nunca tenha ouvido a história de Cinderela, acho melhor contar um pouco sobre a família dela.

Como a maioria das princesas dos muitos reinos, a pobre garota perdeu a mãe ainda muito jovem, e coube ao pai a tarefa de encontrar uma madrastra para que a filha tivesse um lar feliz. Parece que a vida das mães dos muitos reinos é com frequência abreviada, e as madrastras que as substituem são quase sempre criaturas cruéis e egoístas, mas isso é história para outra hora. Poderíamos dizer que havia uma força sobrenatural em ação nos muitos reinos, ou que a culpa era provavelmente dos viúvos e da falta de jeito deles para escolher madrastras. Com base na ideia distorcida e dominante nos contos de fadas, de que todas as madrastras são más, alguém poderia argumentar que esse era o destino de tais mulheres.

O pai de Cinderela não tinha muito em mente além do bem-estar da filha ao escolher a nova esposa. Só queria que fosse uma mulher de boa família, respeitada na comunidade e com um grande dote. Aquela senhora parecia mesmo a escolha perfeita. Era imponente, ainda bela, e o mais importante de tudo: tinha a própria fortuna, que seria dele quando se casassem. Esse era, e continua sendo até hoje, um costume infeliz e antiquado dos muitos reinos: todos os bens de uma mulher passam a pertencer ao marido após o casamento. Isso, porém, não incomodou a senhora. Ela achou o pai da garota muito bonito, com um título de nobreza bem acima do seu, o que presumiu que significava uma fortuna substancial e uma bela casa em que poderia criar as próprias filhas junto à dele.

No entanto, o que a mulher esperava do casamento ia além de coisas de ordem prática. Ela amou de verdade aquele homem e desejou ter uma boa vida ao lado dele, embora não lhe tenha dito nada sobre o assunto durante a corte. Parecia o tipo de homem que queria uma mulher pragmática, e ela era sensata e recatada demais para mencionar essas coisas. A mulher tinha orgulho de seu estoicismo.

Mas logo chegaremos a essa parte da história. Por enquanto, vamos tratar das infelizes filhas da senhora, que definhavam dentro de casa, sob os olhos vigilantes da mãe controladora. A situação chamou a atenção da Rainha Cinderela, que julgou não poder ignorar a triste conjuntura das meias-irmãs.

Querida Fada Madrinha,

Sinto muito em saber que as Terras das Fadas vivem dias de caos e, embora eu não queira incomodá-la em um momento como este, devo lhe escrever sobre um assunto muito importante que tem me atormentado.

Minhas meias-irmãs, Anastácia e Drizela, estão numa situação desesperadora e, por razões que você conhece muito bem, não consigo ajudá-las. Se puder deixar as Terras das

Fadas um pouquinho de lado, poderia vir aqui quando tiver um tempo? Drizela, Anastácia e eu precisamos de sua ajuda.

*Atenciosamente,
Rainha Cinderela*

A Fada Madrinha manuseou a carta com grande esforço, pois era longa e escrita no pergaminho grosso usado na correspondência real oficial.

- Para ser sincera, não sei o que Cinderela tem na cabeça! O que devemos fazer a respeito de Anastácia e Drizela? As fadas não têm obrigação de ajudar gente da laia delas!
- As asas da Fada Madrinha bateram depressa enquanto ela esperava pela resposta da irmã.

Claro que Babá, irmã da Fada Madrinha, não estava prestando atenção nela. Nos últimos tempos, Babá vinha frequentando as Terras das Fadas muito mais do que o normal. Ela passara anos imersa nas próprias aventuras, e só recentemente decidira voltar para ajudar a irmã, quando soubera que as fadas corriam grande perigo. Mas essa é outra história, que dá para encontrar no livro dos contos de fadas. Nesta história, encontramos as irmãs fadas no jardim florido da Fada Madrinha, onde tinham acabado de se sentar para o chá da tarde quando foram interrompidas pela mensagem da rainha.

- Cinderela é responsabilidade sua. Você deve ir vê-la. Ela pediu sua ajuda! - ralhou Babá, lançando à Fada Madrinha um olhar fulminante. A Fada Madrinha sempre achou que a irmã seria uma companhia mais agradável se sorrisse mais. Babá tinha cachos prateados e olhos brilhantes. Era uma mulher pequena, meiga e gordinha, de pele alva e macia feito velino. Sempre que julgava conveniente, usava o fato de ser bem mais velha que a Fada Madrinha a seu favor, inclusive dando ordens a ela.

A Fada Madrinha batia com a varinha mágica no canto da mesa, agitada, enquanto a irmã prosseguia. Elas estavam no *seu* jardim, e Babá a irritava, *como sempre*.

- Não está nem um pouco interessada em saber o que deixou Cinderela tão angustiada? Deve ter acontecido algo terrível a Anastácia e Drizela para deixá-la tão preocupada. E é *sua* obrigação ir até Cinderela quando ela a chama. Não é algo que dá para ignorar - disse Babá com o ar de superioridade habitual que a Fada Madrinha detestava cada dia mais, agora que a irmã passava muito tempo nas Terras das Fadas.

A Fada Madrinha ainda se recuperava dos nervos desde a última experiência traumática que tiveram. Havia sobrevivido a um ataque das Irmãs Esquisitas às Terras das Fadas, e, antes disso, a um ataque da Malévola.

- Aqui estamos nós, tentando recuperar o fôlego após a quase destruição das Terras das Fadas pelas mãos das Irmãs Esquisitas, que são responsabilidade sua, e agora você quer nos arrastar para outra batalha. Não posso voar de um lado para o outro só porque Cinderela está preocupada com as meias-irmãs. Elas não são obrigações nossas - rebateu a Fada Madrinha. Suas mãos tremiam ao se servir de chá para acalmar os nervos. Ela detestava se sentir tão abalada com tudo aquilo, em especial na frente da irmã, mas não conseguia evitar. No instante que recebera a carta de Cinderela com o pedido de ajuda, seu coração acelerara. Agora ela se arrependia de ter contado a notícia a Babá.

- Bem, acho que você não tem escolha! Cinderela pediu sua ajuda e é sua obrigação ajudar! Por que ficou tão abalada com as Tremaine? Elas não têm poderes mágicos, mal podem ser vistas como uma ameaça - argumentou Babá, olhando a irmã de um jeito que a Fada Madrinha odiava.

Ela, então, pigarreou, respirou fundo e falou com a voz mais calma e firme que conseguiu:

- Não vou ajudar Anastácia e Drizela, e esta é a última vez que falo a respeito, Babá. Então, se quiser continuar o chá comigo, gostaria que falasse de outra coisa. O assunto sobre Cinderela e suas meias-irmãs malvadas está encerrado. - A Fada Madrinha bebericou o chá e colocou a xícara com delicadeza sobre o pires, sem tirar os olhos de Babá. - Além disso - continuou -, sei por que está agindo assim. Sente-se culpada por tudo que as Irmãs

Esquisitas causaram, sem falar do sacrifício de Circe para impedir que elas destruíssem os muitos reinos.

Babá sentiu como se a Fada Madrinha a tivesse estapeado. Levantou-se de forma abrupta e violenta, gerando um ruído horrível de cadeira arrastada sobre o piso de pedras do jardim da Fada Madrinha.

A Fada Madrinha se sentiu péssima. Sim, sua irmã era irritante, controladora e excêntrica demais para uma fada. (Ela detestava usar as asas, e só fazia isso a contragosto, quando a irmã lhe pedia. A Fada Madrinha não conseguia entender aquilo, já que as asas eram esplêndidas e um direito e privilégio das fadas.) Mesmo assim, amava Babá e se arrependia de ter tocado num assunto que magoava a irmã.

- Babá! Desculpe! Aonde vai? Eu não devia ter mencionado Circe. Sei que você está sofrendo. Sinto muito! - falou, mas Babá não respondeu, e a Fada Madrinha soube que magoara a irmã, ainda que ela estivesse de costas. As asas de Babá estavam caídas.

A Fada Madrinha sabia que não devia ter mencionado *o desastre*. Era assim que vinha chamando a ocasião. E tinha sido exatamente isso, um desastre. Na opinião da Fada Madrinha, Circe e suas mães, as Irmãs Esquisitas, estavam ótimas no Lugar Intermediário, longe das Terras das Fadas e dos muitos reinos, onde não podiam machucar ninguém. Não era culpa sua se Circe decidira ir além do véu com suas mães, ou voltar à terra dos vivos depois de ter se despedido tristemente de suas terríveis mães. Isso era assunto das bruxas, não das fadas - não era mais problema delas. Contanto que as Terras das Fadas estivessem a salvo e que as Irmãs Esquisitas ficassem o mais longe possível, ela estava satisfeita. Ah, sim, havia um modo de os ancestrais trazê-las de volta se quisessem, mas a Fada Madrinha acreditava que Circe faria a escolha certa. Apesar de todos os defeitos da moça, a Fada Madrinha a considerava corajosa. Afinal, ela havia sacrificado a própria vida para impedir que suas mães destruíssem as Terras das Fadas. Circe tinha salvado os muitos reinos, e as fadas sempre seriam gratas a ela. E a Fada Madrinha sabia que Circe não cometeria o erro de trazer as Irmãs Esquisitas de volta ao mundo. Então, a seu ver, o assunto estava encerrado. Agora precisavam de medidas mais rígidas para garantir que uma coisa como aquela não voltasse a acontecer, mesmo que isso significasse não deixar que as fadas se envolvessem com gente como as Tremaine. Claro que Babá discordava e, como sempre, estava determinada a colocar todo mundo em perigo outra vez.

Ela expressou sua decepção com a Fada Madrinha (sem dúvida ciente do que a outra estava pensando) e virou-se para a irmã.

- Por favor, não mencione mais Circe - pediu Babá. - E não insulte a mim ou a minha inteligência ao usar o nome dela para desviar do assunto. Sabe muito bem que é seu dever de fada ajudar a Rainha Cinderela!

Enquanto Babá falava, a Fada Madrinha foi agitando-se cada vez mais. Batia com a varinha mágica na mesa, soltando faíscas das quais Babá se esquivava.

- Irmã, pare com isso! - ralhou Babá. - Sabe que não tem escolha. Você *deve* ajudar Cinderela. E, por mais que odeie, isso significa que deve ajudar Anastácia e Drizela. Nem acredito que estamos tendo esta discussão. - Babá sentia-se tão brava que agora suas asas estavam bem erguidas.

- Não se atreva a agitar suas asas para mim, Babá! - censurou a Fada Madrinha, ao depositar a xícara de maneira ruidosa sobre o pires, e levando a mão à testa como se a irmã lhe causasse uma terrível dor de cabeça. - Será que posso, *uma vez na vida*, tomar meu chá em paz sem você me encher o saco com essa bobagem de realização de desejos? Daqui a pouco vamos conceder desejos a Anastácia e Drizela!

- Bem, era exatamente isso que eu tinha em mente. - Babá riu ao se levantar da mesa outra vez e se afastar devagar, sem se incomodar em olhar para a irmã, embora ela berrasse às suas costas.

- Não dê as costas para mim! - gritou a Fada Madrinha. - Aonde pensa que vai?

Babá olhou por cima do ombro e sorriu.

- Vou buscar meu espelho mágico. Vamos ver por que Cinderela está tão preocupada.

A Fada Madrinha bateu a varinha com força na mesa e a partiu ao meio com uma explosão de faíscas brilhantes.

- Veja só o que me fez fazer! E agora? Como farei mágica sem minha varinha? O Fazedor de Varinhas vai levar semanas para confeccionar outra para mim - berrou ela, mas a irmã já havia entrado em casa.

Quando Babá retornou, encontrou a Fada Madrinha andando de um lado para o outro, à beira das lágrimas. Babá revirou os olhos. Fez um gesto com a mão e consertou sem esforço a varinha da irmã.

- Pronto. Novinha em folha. Agora sente aí e se acalme. Vamos descobrir por que Cinderela está tão preocupada com as irmãs. - Babá fez um gesto diante do espelho. - Mostre-nos as Tremaine!

- Pare, irmã! - protestou a Fada Madrinha. - Não quero ver aquelas criaturas. Já sabemos tudo que há para saber sobre elas. Além do mais, sei exatamente o que houve. Elas merecem o destino que tiveram por causa de seus feitos à minha Cinderela.

Mesmo assim, Babá olhou no espelho mágico, ignorando a irmã, e ficou chocada com o que viu. O estado de Anastácia e Drizela era deplorável. O castelo estava desmoronando e lotado de gatos. Elas usavam vestidos brancos esfarrapados, e dava para ouvir a voz da Lady Tremaine ao fundo, reclamando de tudo que havia perdido.

- Não me admira que você não quisesse que eu as visse! - exclamou Babá, baixando o espelho. - Temos que fazer algo! É horrível! Por que Cinderela não fez nada para ajudar as irmãs? - Babá estava incrédula.

- Foi impedida por magia. Coloquei um feitiço nas Tremaine e em Cinderela para que nunca mais se encontrassem - informou a Fada Madrinha.

- Quer dizer que as Tremaine estão presas naquela casa? - Babá estava horrorizada e profundamente envergonhada dessa parte da história. - Eu não fazia ideia de que estivessem aprisionadas durante todos esses anos. Se soubesse, teria feito algo a respeito. Ah, a culpa é minha. Não creio que deixei isso acontecer. - Babá agarrava o espelho com tanta força que a Fada Madrinha achou que ela fosse quebrá-lo.

- Pare com isso! Vai se machucar - disse a Fada Madrinha. - Sabe tão bem quanto eu que não havia outro jeito. Lady Tremaine escolheu seu destino, embora tivesse sido advertida.

- Mas podemos remover o encanto para que as pobres garotas saiam de lá e Cinderela as ajude, se quiser, não? Só me sinto arrasada em saber que elas ainda estão lá, depois de todos esses anos.

Na verdade, a Fada Madrinha podia remover o encanto, se quisesse. Mas por que faria isso? Ela havia pensado bem antes de lançar o feitiço, e teve de fazer o que era melhor para a garota sob sua responsabilidade. Era sua obrigação proteger Cinderela, e ela não faria nada que a pusesse em risco, nem agora nem nunca.

- Não farei isso! Não vou acabar com a felicidade de Cinderela! Nem por aquelas garotas terríveis nem por mais ninguém. Anastácia e Drizela fizeram por merecer! - opôs-se a Fada Madrinha, enfrentando a irmã.

Babá era implacável.

- Passei um tempo com elas, irmã; você, não. Fui babá e cuidei daquelas garotas. Não sabe o que elas passaram. E acho terrível que não as tenham ajudado quando podíamos. As pobres coitadas não merecem isso!

- Acho que merecem, sim - retrucou a Fada Madrinha, enquanto observava a chegada de suas protegidas, as Três Fadas Boas, que vinham pela alameda e estavam prestes a atravessar o portão. - A lei é clara quando se trata de futuras princesas. Anastácia e Drizela, para não falar de sua tirânica mãe, tiveram sorte de terem sobrevivido.

Babá zombou:

- E como exatamente se determina quem é uma futura princesa e quem não é? Por que Anastácia e Drizela não foram escolhidas para serem futuras princesas? Por que o destino delas foi tão trágico e o de Cinderela tão afortunado?

- A vida de Cinderela não foi nada afortunada! Ela foi torturada pelas Tremaine, e elas tiveram sorte de se safar com tanta facilidade. A maioria dos vilões das histórias tem um

destino bem menos agradável. Nem sei bem como deixamos aquelas três escaparem sem punição!

Babá bufou com desdém. No entanto, antes que pudesse responder, as Três Fadas Boas chegaram ao jardim, animadas e bem à vontade, enchendo xícaras de chá e conjurando bolinhos e doces para dividirem entre si.

- O que vocês estavam discutindo com tanta empolgação quando chegamos? - perguntou Primavera, conjurando geleias e mel de sua própria horta. Mas, antes que a Fada Madrinha pudesse responder, Babá tomou a palavra.

- Soubemos que as fadas têm mantido Lady Tremaine e as filhas presas no antigo castelo da Rainha Cinderela - informou Babá, com as asas agitadas de nervosismo. - Isso é muito preocupante, considerando a minha ligação com a família Tremaine. - Babá se remexia no assento, na tentativa de se acomodar. A Fada Madrinha achava engraçado que a irmã, que nascera fada, nunca tivesse se acostumado com as próprias asas.

- Tenha dó! Não é bem assim, irmã! - negou a Fada Madrinha, sentindo-se um pouco culpada ao ouvir a verdade em termos simples.

- Céus! Não podemos ajudar aquelas garotas terríveis! - exclamou Primavera, assustando Fauna e Flora.

- Sinto muito que esteja tão preocupada, Babá, mas a maioria está comigo. Não ajudaremos Anastácia e Drizela. Minhas fadas jamais concederão desejos a demônios, bruxas, madrastas más ou meias-irmãs cruéis! Nunca! Não enquanto eu estiver no comando! - disse a Fada Madrinha, muito orgulhosa de si.

- Não vamos esquecer que você não está no comando das Terras das Fadas, irmã. *Eu estou* - Babá falou com voz firme. - Você deixou o cargo, e Oberon concordou que eu deveria ocupar seu lugar. Agora, vou pedir a Opal que envie uma mensagem a Cinderela, informando que a Fada Madrinha está a caminho a fim de ajudar Anastácia e Drizela. Quer desapontá-la? Ou devo substituí-la e passar a ser a fada madrinha de Cinderela?

As Três Fadas Boas exclamaram:

- Não pode fazer isso!

- Posso, sim! E farei! Decida-se, irmã. Ou você ajuda Cinderela, ou eu a ajudarei! - avisou Babá.

A Fada Madrinha sentiu-se muito magoada pelas ameaças da irmã, mas se manteve firme. Pegou o livro dos contos de fadas, virou as páginas até chegar à história de Lady Tremaine e suas filhas.

- Babá, isso não faz sentido - contra-argumentou ela. - Você conhece a história delas, estava lá. Sabe tão bem quanto eu que Lady Tremaine e as terríveis filhas nem precisaram do incentivo daquelas intrometidas das Irmãs Esquisitas! Elas trataram mal minha pobre Cinderela por livre e espontânea vontade. Está tudo aqui no livro dos contos de fadas que a Branca de Neve nos devolveu depois do *desastre*.

Babá sorriu e a irmã não gostou nada daquilo. Ela sabia que a outra estava tramando algo.

- Está bem, irmã. Vamos ler a história delas. Talvez não haja salvação para Lady Tremaine, mas aposto que até você vai querer ajudar as filhas dela depois de ler a história. Lembre-se de que eu estava lá, e o mais importante: sei como é o seu coração.

Fauna, Flora e Primavera haviam permanecido em silêncio o tempo todo, apenas à espera de testemunhar o que a Fada Madrinha diria. Elas se abismaram com os comentários de Babá e acompanharam boquiabertas toda a conversa.

- Primavera, feche a boca. Vai acabar engolindo uma libélula! - disse a Fada Madrinha. - E faça aparecer uns refrescos.

Então se virou para Fauna:

- Você! Mande uma mensagem para a Fada Azul. Diga a ela que é uma reunião de emergência do Conselho das Fadas, e que ela deve vir de imediato.

Por fim, olhou para Babá.

- Onde está o Rei das Fadas? Acha que ele gostaria de participar da reunião do conselho?

Babá riu, sem dúvida porque a irmã continuava a agir como se ainda estivesse no comando das Terras das Fadas.

- Oberon está no Castelo Morningstar com a Princesa Tulipa, em preparação para mais uma aventura. Mas sei que está ouvindo - garantiu Babá.

A Fada Madrinha sabia que, mesmo que ele não estivesse ouvindo, Babá lhe contaria tudo mais tarde. Ela sabia que os dois estavam mais próximos do que nunca, e isso fez uma onda de raiva percorrer seu corpo; no entanto, tinha de deixar isso de lado por enquanto.

- Tudo bem - cedeu ela. - Assim que a Fada Azul chegar, leremos a história de Lady Tremaine, e *o conselho* decidirá se devemos ajudar Drizela e Anastácia.

- Acho justo - concordou Babá, com um ar suspeito que desagradou a Fada Madrinha. Ela, porém, decidiu que já era uma vitória. Sabia, no fundo do coração, que as fadas jamais concordariam em ajudar Anastácia e Drizela, independentemente da carta que Babá tivesse escondida na manga.

CAPÍTULO II

O CONSELHO DAS FADAS

Assim que todos do conselho chegaram, a Fada Madrinha pegou o livro dos contos de fadas.

- Muito bem - pontuou. - Se ninguém faz objeção, lerei a história de Lady Tremaine. Quem sabe assim minha irmã, Babá, pare de me importunar com seus pedidos de ajuda para Anastácia e Drizela, aquelas garotas monstruosas. - Ela deu uma piscadela para o seu trio de fadas prediletas, ciente de que elas não a decepcionariam.

LADY TREMAINE

Londres pode ser bem longe, mas achamos maneiras de fazer nossa magia ir além dos muitos reinos, adentrando até mesmo salas de estar de damas e cavalheiros desavisados. Pegue Cruella De Vil, por exemplo. Embora sua história tenha sido escrita pela voz dela, quem você acha que a inspirou a escrevê-la?

Esta, no entanto, não é a história de Cruella, e sim de Lady Tremaine.

Lady Tremaine perdeu o marido pouco após o casamento e se viu sozinha com duas filhas pequenas para criar. No entanto, ao contrário da maioria das mulheres nessa situação, Lady Tremaine tinha o futuro garantido. Quando morreu, seu marido, que era um lorde, deixou-lhe grande fortuna. Esse dinheiro, combinado com aquele que já lhe pertencia antes do casamento, fazia dela uma mulher rica.

A senhora da casa tinha tudo que desejava, exceto uma coisa: o verdadeiro amor. Ele havia partido cedo demais. O que ela tinha, no entanto, era uma casa cheia de empregados: babás, governantas, criadas de sala, cozinheiras, um mordomo, copeiros, engraxates, lacaios, ajudantes de cozinha, arrumadeiras, chefe da criadagem e, obviamente, sua criada de quarto, a velha sra. Bramble. Lady Tremaine tratava os empregados bem e com respeito, e insistia que as filhas, Anastácia e Drizela, fizessem o mesmo. A criadagem as adorava. As Tremaine e os empregados viviam de modo confortável em uma bela casa em Londres. A residência estava sempre cheia e agitada, então Lady Tremaine não se sentia tão solitária. Ela adorava dar às filhas a melhor vida possível.

Como a maioria dos aristocratas londrinos, as Tremaine constantemente iam e voltavam do interior feito as aves, indo para cá e para lá conforme ditava a estação. Certo dia fatídico, porém, a senhora estava prestes a embarcar numa viagem, sem saber que aquilo mudaria para sempre o curso de sua vida. Podemos pensar o que teria sido de Lady Tremaine e das filhas se a mulher tivesse decidido não visitar a antiga amiga Lady Prudence Hackle, mas, quando algo é escrito no livro dos contos de fadas, pouco se pode fazer para mudar o destino de alguém.

Antes do alvoroço da manhã naquele dia, Lady Tremaine sentou-se na sala íntima, descansando um pouco antes que as filhas acordassem ou que as criadas viessem lhe perguntar o que deviam colocar nas malas para a viagem ao interior. A sala íntima tinha sido um dos cômodos prediletos da senhora quando o marido estava vivo. Eles passavam muitos momentos tranquilos ali, tomando café durante a manhã ou drinques depois de jantarem fora, ou apenas sentados apreciando uma boa leitura. Ela sentia falta daqueles dias mais do que nunca e achou que, no silêncio daquela manhã, quase podia perceber a presença do marido ao seu lado.

Era uma sala clara e ensolarada com grandes portas francesas que se abriam para a sacada com uma vista deslumbrante da cidade. Ela adorava os sons da cidade agitada lá embaixo e poderia passar horas enquanto ouvia os músicos tocando na esquina, e sempre garantia que um dos engraxates levasse um dinheiro a eles para agradecer-lhes o entretenimento.

Como quase toda manhã, a senhora foi até a escrivaninha, pegou umas moedas da gaveta e puxou a corda à esquerda da lareira. Era assim que chamava o sr. Avery, funcionário da casa havia anos. Ele estava lá quando o marido da Lady Tremaine ainda era vivo e, de certo modo, a senhora sentia como se ele ocupasse o lugar do falecido. Pelo menos no sentido de estar sempre lá para cuidar dela. Avery era um homem alto, magro e inabalável, com cabelos negros e uma mecha branca do lado esquerdo. No rosto, traços duros, quase como se esculpido em rocha, e os olhos de um castanho intenso.

- Bom dia, Lady Tremaine - cumprimentou ao entrar na sala, fazendo-a sorrir. Ela sabia que Avery não retribuía o sorriso. Era austero demais, sério demais e ocupado demais para sorrisos. Lady Tremaine tinha certeza de que, mesmo que a calça de Avery estivesse em chamas, ele não deixaria isso transparecer, caso pudesse evitar. Ele era esse tipo de homem.

- Bom dia, Avery. Pode pedir a um dos engraxates que leve estas moedas para os músicos da esquina? E peça a Daisy que traga meu café.

Avery estreitou os olhos para a senhora, mas não disse nada.

- Você desaprova isso, Avery? - perguntou ela, já sabendo a resposta. Eles já haviam tido conversas como aquela antes, e esse era um dos principais motivos que lhe davam a impressão de que Avery havia tomado o lugar de seu esposo. Ele, como o marido de Lady Tremaine, gostava que as coisas fossem feitas como manda o figurino. E damas não deviam dar dinheiro para músicos que tocam em esquinas.

- Não cabe a mim aprovar ou desaprovar nada, senhora - replicou ele, pegando as moedas e acrescentando: - Ah, Babá Pinch gostaria de saber se pode trazer as garotas para vê-la esta manhã em vez de hoje à tarde.

Lady Tremaine suspirou.

- Ah, sim, sairão para fazer compras esta tarde. Eu tinha esquecido. Claro, claro. Diga a Babá Pinch que as traga, se quiser. Mas, Avery, faça isso só depois do meu café. É provável que você seja a única pessoa com quem suporto falar antes de tomar café - ela disse, rindo.

- Pois não, senhora - respondeu ele, e deixou a sala. A mulher riu sozinha, imaginando se um dia conseguiria fazer aquele homem sorrir. Fazer Avery rir era sua missão pessoal.

Ela pegou o xale rosa do encosto da cadeira, jogou-o sobre os ombros e se sentou no sofá de veludo vermelho. A sala parecia tão triste desde que o marido falecera, havia mais de seis anos, e ela se perguntou por que ainda a usava como sala de estar. Supunha que fosse por hábito. Todas as senhoras que conhecia usavam suas salas íntimas assim. Era nessas salas que as senhoras passavam as manhãs, recebiam os filhos ou os amigos mais chegados. Reuniões maiores obviamente eram realizadas em salas maiores, mas Lady Tremaine não fazia uma reunião grande desde que o esposo se fora.

Agora ela ia a festas na casa dos outros. Recebera inúmeros convites após a morte do marido. Convites bem-intencionados e atenciosos com o propósito de distraí-la de sua tristeza. Mas, depois de tanto tempo, Lady Tremaine começava a sentir saudade de quando era ela quem dava festas, e a sentir falta de alguém que subisse as escadas com ela depois que o último convidado fosse embora, de alguém com quem discutir durante o desjejum os planos para o dia ou para a noite, depois da ópera. Ela se perguntava se já não era hora de pensar em encontrar um novo companheiro. Um novo marido.

Quando acordou naquela manhã, não imaginava que tal pensamento lhe ocorreria, mas, sentada no sofá vermelho da sala, sentiu que talvez estivesse pronta para amar de novo.

- Ah, Daisy - disse a senhora, fitando a criada pequena de rosto meigo que lhe trouxera o café. Ela era uma garota muito jovem de olhos vivos e traços delicados que fazia Lady Tremaine pensar num camundongo. - Por favor, coloque o café ali. Obrigada, Daisy. - A criada colocou a bandeja de café na mesinha redonda à sua frente. Era o jogo de café favorito de Lady Tremaine, preto com enfeites dourados.

- A cozinheira gostaria de saber se vai querer desjejum hoje, senhora - perguntou Daisy com timidez.

Lady Tremaine riu. A cozinheira, a sra. Prattle, fazia as criadas perguntarem isso toda manhã, sabendo bem qual seria a resposta.

- Por favor, diga à sra. Prattle que mande apenas alguma coisa para as garotas na sala de estudos, se ainda não tiver mandado. E precisaremos de algo para comer no almoço, durante nossa viagem para o interior. - A senhora sorriu para a criada com cara de camundongo.

- Está bem, senhora. Ela já preparou uma cesta de piquenique para a senhora e as garotas. - Então se corrigiu depressa: - Quer dizer, para a srta. Drizela e a srta. Anastácia.

Lady Tremaine se perguntava para que tipo de gente as criadas haviam trabalhado antes de virem para a sua casa. É claro que ela esperava que fossem sensatas, diligentes e respeitadas, mas não fazia questão de formalidades desnecessárias. Pelo menos não quando estivessem a sós. Obviamente, na época que seu esposo era vivo, eles davam festas luxuosas, e ela gostava de mostrar aos amigos, os lordes e as damas, todas as formalidades vez ou outra. E é claro que tinha certa reserva ao falar com os criados das amigas, pois era

o esperado. Mas sempre deixava um agradinho para eles quando ia embora. Ela se perguntava se as amigas faziam o mesmo. Perguntava-se se não era tudo encenação. Talvez quando elas estivessem a sós fossem mais sinceras com os empregados. Talvez os tratassem como gente, falassem com eles, perguntassem-lhes como estavam e sorrissem para eles. Ela esperava que sim.

Lady Tremaine se sentia menos solitária com todos aqueles empregados pela casa. Não tinha a ilusão de que fossem seus amigos de verdade, mas não custava nada ser gentil.

- Obrigada, Daisy. Diga a Babá Pinch que já pode trazer as garotas se quiser, a menos que Avery já tenha feito isso. Sei que ele tem que cuidar de outras coisas para a nossa viagem. E, Daisy, pedirei a Avery que programe um pequeno passeio para aqueles que não forem viajar comigo - disse Lady Tremaine.

- Está bem, senhora. - Daisy saiu do quarto sorrindo. Lady Tremaine sabia que um passeio colocaria um sorriso no rosto de Daisy, e era fácil fazê-la sorrir.

Lady Tremaine tomava seu café, imaginando quando suas bagunceiras adentrariam a sala feito um terremoto. Ela amava as filhas, mas as duas davam trabalho e, quanto mais velhas ficavam, mais difícil era domá-las. Ela fora indulgente com as meninas depois da morte do pai. Tinha lhes dado tudo que queriam, havia mimado as duas, arranjado a melhor governanta, levado as filhas em viagens esplêndidas e comprado tudo que desejavam. Se quisessem vestidos novos, ela os comprava. Se pedissem cavalos enquanto estavam no interior, Lady Tremaine dificilmente diria não. Não havia nada que as filhas quisessem e não tivessem, e por isso agora era difícil satisfazê-las. Lady Tremaine sonhava com o dia em que as filhas se casassem. Ela sonhava com uma vida só para si, ao lado de um homem que amasse. E, se não tivesse a sorte de encontrar o amor verdadeiro duas vezes, ela se contentaria com a solidão.

No entanto, a tranquilidade da manhã foi quebrada assim que ela contemplou seu agradável futuro, como se as filhas tivessem percebido que a mãe estava em paz e relaxada. Avery entrou primeiro, como era costume.

- Senhora, Babá Pinch está aqui com a srta. Anastácia e a srta. Drizela.

Lady Tremaine estremeceu. Não pôde evitar o arrependimento por não ter desfrutado mais alguns instantes preciosos antes de sugerir que elas fossem trazidas.

- Está bem. Faça-as entrar, Avery. - Ela colocou a xícara de café na bandeja e sinalizou que a levasse embora.

Anastácia e Drizela tinham onze e doze anos, respectivamente. Nenhuma delas se parecia com a mãe ou com o pai. As garotas não podiam ser mais diferentes de sua mãe imponente. Embora Lady Tremaine tivesse uma aparência angulosa e severa, era uma mulher muito bonita. As filhas, por outro lado, desengonçadas, eram só braços e pernas, com pescoço desajeitado, cara de ave e olhos saltados. Dariam ótimas bruxas, aquelas duas. Mas essa é outra história, que nunca aconteceu, embora fosse interessante de explorar. Todavia, Lady Tremaine achava as filhas belas e lhes dizia isso sempre que tinha chance.

Naquele dia, as garotas usavam os melhores vestidos, o de Anastácia rosa-pálido e o de Drizela azul-claro. Estavam prontas para um dia de compras com Babá Pinch. Isso daria a Lady

Tremaine a tranquilidade de que precisava para preparar a viagem delas para o interior, e Lady Tremaine sentia-se grata por Babá Pinch ter se oferecido para tirar as garotas de casa por algumas horas enquanto ela fazia os arranjos necessários.

Lady Tremaine adorava Babá Pinch. Era uma mulher sensata, ainda jovem e cheia de energia, algo fundamental para lidar com Anastácia e Drizela. Era uma mulher pequena de olhos e cabelos escuros, com sardas bem visíveis no nariz e nas bochechas, e pouco mais alta do que as garotas. Lady Tremaine ria ao pensar que as filhas um dia seriam mais altas do que a babá.

- Bom dia, meus amores! - saudou ela, sorrindo para as filhas.

Drizela sempre tinha o privilégio de beijar a mãe primeiro, pois era a mais velha.

- Bom dia, mãe - respondeu em tom formal, fazendo a senhora rir. Lady Tremaine imaginou quanto tempo tinham levado para praticar a cena na sala de estudos antes de descerem. Anastácia, no entanto, se atirou nos braços da mãe sem cerimônia.

- Bom dia, mamãe! - falou, quase derrubando a mesinha com o jogo de café.

- Já falamos sobre isso, Anastácia - advertiu Babá Pinch, olhando feio para a garota. - Se você se recusa a se comportar como uma jovem dama, talvez seja melhor ficar no berçário quando formos para o interior.

Os olhos de Zela ficaram ainda maiores do que o normal, e ela deu um beliscão no braço de Anastácia.

- Ai! Mamãe! Veja o que Zela fez!

Babá Pinch separou as garotas depressa.

- Srta. Anastácia, sente-se aqui! - chamou ela, apontando para uma poltrona. - E você, srta. Drizela, sente-se ali! - falou, apontando outra. As poltronas estavam dispostas uma de cada lado de uma mesinha, de frente para Lady Tremaine, que permanecia sentada no sofá de veludo.

- A mãe de vocês não tem tempo para essas bobagens! E ainda dá para mudarmos nossos planos de viagem. Poderíamos ficar aqui enquanto a mãe de vocês vai se divertir e passar um tempo sozinha. - As garotas colocaram as mãos unidas e tensas no colo, sorrindo com doçura. Lady Tremaine notou que faziam sua melhor pose de jovens damas e se segurou para não rir.

- Não será necessário, Babá Pinch. Mas podemos deixar essa opção de reserva caso minhas amadas filhas decidam que férias no interior são demais para elas. - As garotas se remexeram nos assentos; queriam gritar, mas mantinham a compostura. Lady Tremaine sorriu indulgente para as filhas. - Vocês estão lindas hoje. A srta. Pinch me disse que vai levá-las para fazer compras. Vestidos novos para a viagem! Quero que estejam mais bonitas do que nunca e se comportem melhor do que nunca enquanto estivermos no interior, entenderam?

As garotas assentiram.

- Lady Hackle e os filhos, Dicky e Shrimpy, estarão lá - contou Lady Tremaine.

Drizela arregalou os olhos outra vez, fazendo Anastácia rir.

- Drizela tem uma quedinha por Dicky - falou, rindo ainda mais. - Ela vai fazer papel de idiota, mamãe!

Drizela quase saltou por cima da mesinha a fim de dar um tapa no braço da irmã, e com isso derrubou um bibelô de jade no formato de dragão.

- Meninas! Parem com isso já! Ninguém tem uma quedinha por ninguém. E, se não conseguem parar de se comportar feito monstrixinhas, ficarão em casa! - ameaçou Lady Tremaine, começando a perder a paciência com as duas.

Drizela colocou as mãos no colo outra vez.

- Por que não posso ter uma quedinha pelo rapaz com quem mamãe quer me ver casada um dia?

Embora a filha tivesse razão (Lady Tremaine e Lady Hackle tinham mesmo planos de casar Tácia com Shrimpy e Zela com Dicky), achava Zela nova demais para pensar em casamento.

- Não vou me casar com alguém chamado Shrimpy! - Tácia torceu o nariz, fazendo a irmã zombar.

- Ninguém vai querer se casar com você mesmo! - gritou Zela.

- Por que quer se casar com alguém chamado Dicky? Também é um nome ridículo! - Tácia provocou.

- Já chega, as duas. - Babá Pinch foi firme, mas calma. - Anastácia, sabe muito bem que eles se chamam Richard e Charles.

Tácia riu outra vez.

- Shrimpy é um apelido bobo para alguém chamado Charles. Não faz sentido. E ele é bem alto. Nem imagino por que ganhou um apelido desses!

- Como sempre, não entendeu a piada - Zela falou com desdém. - O apelido dele é Shrimpy *justamente* porque ele é muito comprido, parece um camarão. É como chamar um homem corpulento de Magrão, ou chamar você de Bela! - acrescentou com um sorriso travesso.

- Você vai ver só! - prometeu Tácia, que saltou do assento e arrancou os laços de fita dos cabelos da irmã.

- Já chega! Parem com isso agora mesmo! - Desta vez não foi Babá Pinch quem interveio, mas Lady Tremaine. As garotas nunca tinham visto a mãe erguer a voz para elas, e isso as fez parar com a palhaçada no mesmo instante e olhar assustadas para ela. - Acho que Babá Pinch tem razão. Decidi que é melhor vocês ficarem em casa. Como podem me acompanhar ao interior se não sabem se comportar feito damas?

As garotas caíram no choro, lamentando-se e implorando para que a mãe as levasse.

- Sinto muito, meninas, mas já fui indulgente demais com vocês, e está na hora de crescerem. Na verdade, a culpa é minha. Estraguei vocês. Mas precisam aprender que suas ações têm consequências. - Lady Tremaine achou que estivesse fazendo o melhor para as garotas, muito acostumadas a terem as vontades atendidas. Ela precisava fazer algo a respeito.

- Mãe, por favor! Não nos deixe sozinhas com Babá Pinch! Por favor. Faz um tempão que não vemos você! - gritou Anastácia.

Mas Lady Tremaine estava resoluta.

- Não, querida. Já tomei minha decisão. Viajarei sem vocês. Estarão em boas mãos com Babá Pinch. Agora, se me derem licença, tenho uma viagem para organizar. Sugiro que subam para a sala de estudos e terminem as lições - recomendou Lady Tremaine, esforçando-se para que as filhas pensassem que de fato pretendia partir sem elas. Na verdade, era apenas uma tentativa de assustá-las para que se comportassem.

- Sala de estudos? Mas, mãe, e nossas compras? E nossos vestidos novos? - guinchou Drizela. As garotas estavam apavoradas.

- Não acredito que esteja fazendo isso com a gente, mamãe! Odeio você! - esbravejou Anastácia, com cara de desgosto.

Lady Tremaine não estava acostumada àquele tipo de discussão com as filhas, e não achou nada fácil. Na verdade, achou exaustivo. Estava lhe dando dor de cabeça, mas ela adotou um ar calmo e distante e sustentou a mentira.

- Não vejo motivo para comprar vestidos novos se não vão viajar. E, considerando que você me odeia, não vejo motivo para levá-la comigo.

Drizela saltou do assento e agarrou as mãos da mãe, implorando:

- Vai mesmo nos deixar em casa, mamãe? Não está nos enganando? Não acredito que fará isso com a gente, suas próprias filhas! As únicas coisas que lhe restaram do papai. Como acha que ele se sentiria se soubesse que está nos tratando mal? O que ele pensaria ao vê-la arruinar minhas chances com o jovem Lorde Hackle?

Lady Tremaine respirou fundo e soltou um suspiro.

- Arruinei foi você. Dei tudo que você queria e é assim que me trata? Tenta me manipular usando a memória do seu querido pai? Vocês eram tão pequenas quando ele morreu, mal o conheceram! Ele acharia o comportamento das duas chocante. E ficaria desapontado comigo por tê-las criado como dois monstrinhos terríveis! Eu queria que esta casa fosse um lar amoroso, um lugar onde as pessoas pudessem demonstrar seus sentimentos. Achei que, se eu tivesse um papel mais ativo em suas vidas, vocês me amariam e me respeitariam. Que não cresceriam magoadas comigo, mas agora percebo sentir mágoa de vocês! Eu devia simplesmente ter deixado que os empregados as criassem. Devia ter limitado meu tempo com vocês a uma hora depois do chá, como todas as damas que conheço fazem. - Ela odiava falar assim com as filhas, mas achava que era para o bem delas. - Tem razão, Zela. Eu estava tentando enganá-las, assustá-las para que pensassem que não as levaria na viagem. Jamais sonharia em ir a qualquer parte sem minhas preciosas filhas, mas no momento mal consigo olhar para vocês! Babá Pinch, leve-as para cima agora, e é lá que elas devem ficar. Entendido?

Drizela e Anastácia choravam e tentavam segurar a mãe, enquanto Babá Pinch agarrava-lhes os braços e tentava tirá-las da sala. Fazer aquilo com as filhas partiu o coração de Lady Tremaine, mas ela estava confusa. Tinha feito tudo errado, e achava que talvez tivesse estragado as filhas para sempre. Suspirou fundo outra vez, pressionou os dedos contra a cabeça dolorida, se recompôs e tentou soar firme:

- Depois subo para me despedir de vocês, garotas. E, Babá Pinch, por favor, deixe as duas sob os cuidados de Daisy. Quero que desça para conversarmos a sós. As coisas vão ser bem diferentes de agora em diante, e temos muito que discutir antes da minha viagem.

Lady Tremaine observou Babá Pinch sair da sala em silêncio acompanhando as meninas. Assim que a porta se fechou atrás delas, a senhora caiu no choro. Nunca tinha sido tão dura com as filhas, mas não sabia mais o que fazer. Elas haviam se tornado indomáveis. Babá Pinch já tentara discutir o assunto, mas ela se recusara a enxergar as filhas como eram. Tinha se recusado a crer que não eram os anjos que sempre achou que fossem. E se perguntava o que o marido acharia dela agora. Não aprovaria as escolhas na criação das filhas, e com certeza não aprovaria a maneira casual como falava com os empregados. Lady Tremaine havia deixado as coisas desandarem após a morte dele.

Embora a tivesse amado e sido sempre gentil com ela durante todo o casamento, sempre fora um homem rígido, que fazia tudo de acordo com as normas, sempre correto e firme, sempre perfeito. Ela o amava por isso e não entendia por que havia mudado tanto depois que ele falecera. Por que se permitira ser tão flexível, por que dera tanta intimidade aos empregados.

Ainda sentada, ela se deu conta de que um tempo no interior sem as filhas era exatamente aquilo de que precisava. Ela precisava de tempo para pensar. Tempo para os amigos, para andar a cavalo e caçar raposas, tempo para jogos bobos sem se preocupar se as filhas iriam envergonhá-la.

Tempo para ser ela mesma de novo.

CAPÍTULO III

O VESTIDO

O período no interior da Inglaterra foi exatamente como planejado. Lady Tremaine adorava visitar aqueles lugares antigos. Sempre sabia o que esperar. Havia um cronograma de reuniões, um protocolo; tudo era organizado e era assim que acontecia. Sentia-se aliviada de se livrar da vida caótica que levava em Londres.

Antes de deixar Londres, ela conversou demoradamente com Babá Pinch. A conversa a fez perder o trem que partia mais cedo, mas era necessário deixar claro o que queria.

- Preciso que seja firme com minhas filhas, Babá Pinch. Não quero mais saber desse comportamento insolente. Você tem minha permissão para agir como julgar conveniente. Quero ver uma melhora considerável quando voltar. - Babá Pinch estava feliz demais para reclamar. Mais de uma vez ela havia tocado no assunto, comentara que algo precisava ser feito com relação às garotas. Lady Tremaine esperava que não fosse tarde demais para corrigir as pestinhas.

Quando a carruagem de Lady Tremaine parou diante da propriedade de Lady Hackle, a amiga foi recebê-la. Ela estava muito feliz por ter chegado depois de um dia todo de viagem de trem. A distância entre a casa e a estação não era tão grande, mas lhe pareceu uma eternidade após as várias horas no trem, e ela mal podia esperar para ser levada ao quarto, onde poderia se refrescar após a longa viagem. A residência de Lady Hackle era um lugar adorável, grandioso e imponente, adornado com gárgulas e vitrais. O tipo de casa em que se esperava encontrar armaduras, embora esse não fosse o estilo de Lady Hackle.

O laçoi descarregou rápida e silenciosamente os baús de Lady Tremaine, supervisionado de perto pela criada de quarto da mulher, a sra. Bramble. Lady Tremaine herdara a criada de sua mãe. Era uma mulher idosa, irritadiça como o nome sugeria, e sempre pronta a contar as fofocas sobre a criadagem. Seus cabelos eram grisalhos e rebeldes. Em geral, ela não se dava ao trabalho de prendê-los num coque, como era costume na época, mas fez questão de domá-los na visita ao interior. Lady Tremaine já imaginava as histórias deliciosas que ouviria sobre os criados naquela viagem.

- Boa tarde, querida amiga - cumprimentou Lady Hackle, abrindo os braços em sinal de boas-vindas.

- Boa tarde, Prudence - respondeu Lady Tremaine, segurando as mãos da outra e beijando-lhe a bochecha. As mulheres eram amigas havia muitos anos e eram quase como irmãs. Lady Tremaine sempre aguardava ansiosa por tais visitas. Lady Hackle era uma mulher bonita, de cabelos e olhos claros e um nariz arrebitado que Lady Tremaine achava encantador. Algo no rosto da amiga sempre lhe fazia pensar em um coelhinho.

Lady Hackle continuava a encarar a carruagem, esperando ver Anastácia e Drizela.

- Querida, onde estão as meninas? Estão vindo em outra carruagem com Babá Pinch?

Lady Tremaine suspirou.

- Lamento, Prudence, mas elas não estavam muito bem, e achei melhor deixá-las em casa. - Lady Tremaine não gostava de mentir para a velha amiga, mas não tinha forças para falar das filhas naquele momento. Além do mais, o que diria? Que as havia estragado e que agora não era possível corrigir isso? Que ela temia ter de ficar com as duas para sempre, pois tinham virado jovens tão terríveis que ninguém se interessaria em casar com elas?

Não. Ela queria descansar e relaxar. O momento em questão era seu e, sinceramente, tudo que ela queria era esquecer aqueles monstros, pelo menos até o fim do dia.

Lady Hackle suspirou.

- Que pena. Os meninos ficarão arrasados, mas não há nada a ser feito. Venha, amiga. Tenho certeza de que Pratt já mostrou à sra. Bramble quais são seus quartos, e imagino que você queira se recompor após a longa viagem.

Elas entraram no grande e imponente saguão. Era de estilo romano, uma sala grande e ampla com colunas de mármore e magníficas estátuas de deuses e deusas dispostas pelo recinto. No centro do salão, uma enorme escadaria se dividia em duas e levava a alas diferentes da casa. Uma criada de rosto meigo as encontrou ao pé da escada.

- Dilly, por favor, mostre a Lady Tremaine o quarto dela, embora eu ouse dizer que ela sabe o caminho - falou Lady Hackle com um sorriso caloroso. E então acrescentou: - Ah, sim, só para lembrar, o gongo soará às seis, indicando que é hora de se vestir, e depois às oito, hora do jantar. Até mais tarde. - E se foi, deixando Lady Tremaine nas hábeis mãos de Dilly.

Lady Tremaine adorava ter horários para seguir outra vez. Ela e o marido faziam tudo em horários preestabelecidos. Mas ela nem se lembrava mais da última vez que Avery soara o gongo do jantar, muito menos o gongo da hora de se vestir. Ela e as filhas nunca se vestiam para o jantar, não depois da morte de Lorde Tremaine. Ela deixara de ver motivos para aquilo. Agora, porém, ela entendia por que o esposo gostava tanto da rotina. Agora percebia que precisava servir de exemplo às garotas, e pretendia retomar a antiga ordem assim que voltasse para casa.

Quando chegou ao seu quarto - o Quarto da Fada, como Lady Hackle o chamava -, encontrou a sra. Bramble desfazendo as malas e arrumando as coisas. Lady Tremaine adorava aquele quarto e geralmente o ocupava nas visitas à amiga. Graças à decoração em tons de púrpura e dourado e ao papel de parede floral, sempre se sentia como se visitasse um jardim de fadas.

- Já está quase tudo fora das malas e guardado, senhora. - A sra. Bramble tinha uma voz que fazia Lady Tremaine pensar em cemitério: baixa, séria e quase agourenta.

- Estou vendo, sra. Bramble. Obrigada - disse Lady Tremaine, observando o quarto. A sra. Bramble já havia separado seu vestido para aquela noite e, de algum modo, encontrara tempo para pedir a uma das criadas que preparasse seu banho.

Os olhos das duas se voltaram para a porta ante o som de alguém batendo. A sra. Bramble foi depressa atender, e abriu apenas uma fresta.

- Olá, Lady Hackle, entre, por favor - falou, abrindo a porta de vez.

- Desculpe pela intromissão, querida Lady Tremaine. Mas eu queria saber o que pretende usar esta noite. Tem vestido o luto há tempo demais.

Ela lançou um olhar para o vestido sobre a cama, que, como esperado, era preto. Lady Hackle obviamente estava brincando, mas tinha razão. Lady Tremaine vinha usando roupas pretas desde a morte do marido e, embora um tempo considerável já tivesse transcorrido, ela ainda não passara ao roxo.

- Amiga, já faz seis anos. Sabe que eu adorava Francis, todos nós, e sentimos muito a falta dele, mas é hora de seguir em frente. Eu não devia lhe dizer isso, mas alguns de nossos velhos amigos estão começando a chamá-la de rainha, como a Rainha Victoria.

Lady Tremaine se surpreendeu.

- Quem anda me chamando assim? - No entanto, tinha de admitir que a amiga estava certa, e concordava que suas roupas eram pesadas e de matrona. Talvez fosse hora de usar roupas menos sóbrias. - Suponho que tenha outra opção de vestido em mente? - perguntou, com um sorriso astuto.

- Na verdade, tenho, sim! - Fazia anos que Lady Tremaine não via um sorriso tão maroto no rosto de Lady Hackle, desde que eram garotas. De repente, sentiu falta daqueles dias, quando as duas ainda estavam na escola, sem nenhuma preocupação além de fazer as mães felizes encontrando o marido perfeito, o que ambas conseguiram, satisfazendo, assim, as respectivas mães, que não podiam ter ficado mais orgulhosas da escolha das

filhas. A única coisa que as teria deixado mais satisfeitas era terem se casado com príncipes.

Lorde Francis Tremaine era o sonho de toda mãe. Um homem que tinha bons modos e dinheiro, oriundo de uma das melhores e mais tradicionais famílias da região. Assim também era o marido de Prudence, que todos chamavam de Piggy. Lady Tremaine riu sozinha, quase esquecida do nome dele: Henry. Ela sempre achava divertido como a maioria dos cavalheiros de seu círculo tinha apelidos ridículos. Algumas das damas também tinham, mas felizmente ela nunca tivera um. Não podia se imaginar sendo chamada de Bunny ou qualquer nome inventado nos círculos de amigos que frequentava. E agora começava a temer que todos a chamassem de Vicky, já que a vinham chamando de “a rainha” pelas costas.

Ela percebeu que se esquecera por completo da conversa em curso com Lady Hackle, e agora a criada assumira a tarefa de escolher um vestido. Enquanto Lady Tremaine divagava, a amiga havia trazido um batalhão de criadas, cada uma carregando um vestido diferente, e cada um deles tinha sido descartado pela sra. Bramble.

- Tenha dó! Deve ter pelo menos um que lhe agrade - disse Lady Hackle. - Querida Lady Tremaine, por favor, venha cá e nos dê sua opinião. Afinal, é você quem usará o vestido.

Todos os vestidos eram bonitos, é claro, e seguiam a última tendência em matéria de moda, mas Lady Tremaine não achava que fossem apropriados para ela. Era evidente que a sra. Bramble pensava da mesma forma.

- Que tal o lavanda com detalhes roxos? - Lady Hackle fez um sinal e uma das criadas ergueu o vestido para que Lady Tremaine pudesse vê-lo. - E se minha Rebecca fizesse seu penteado esta noite, só desta vez? Ah, você vai adorá-la, querida. Creio que a sra. Bramble não se importará, não é, sra. Bramble?

Lady Tremaine riu por dentro, pois sabia muito bem que a sra. Bramble se importaria, sim. E se importaria muito.

- Isso é com a patroa - respondeu duramente a sra. Bramble.

No entanto, antes que Lady Tremaine pudesse responder, aproveitou a deixa.

- Maravilha! Mandarei Rebecca vir às seis, para ajudá-la com o penteado. Ah, querida amiga, você ficará linda esta noite. - Ela beijou a bochecha de Lady Tremaine e então deixou o quarto depressa, com uma fila de criadas atrás de si, feito patinhos.

Lady Tremaine sentou-se na cama, exausta.

- Meu Deus! Ela é um furacão, não? - falou, em uma tentativa de desanuviar o clima, esperando que a sra. Bramble não estivesse magoada ou brava com ela. A sra. Bramble apenas ficou lá parada, com cara de quem queria dizer algo, mas decidiu guardar para si. - Ah, vamos - disse Lady Tremaine. - Imagino que esteja brava comigo. Mas sabe como Lady Prudence é. Fica obstinada quando quer algo. Por que não lhe dar esse gosto? E que mal há em usar roxo? Também é uma cor de luto.

A sra. Bramble apenas pegou o vestido preto que havia separado e o pendurou no cabide, sem se pronunciar.

- Vamos, sra. Bramble, não fique brava. Sabe o quanto aprecio o que faz por mim. Só deixarei que Rebecca faça meu penteado para agradar Lady Prudence. - A sra. Bramble continuava em silêncio. Apenas andava de um lado para o outro do quarto movendo os objetos de lugar um milímetro, fingindo estar ocupada. - Sra. Bramble, insisto que me diga o que está pensando! - disse Lady Tremaine, começando a perder a paciência.

A sra. Bramble pegou o vestido que Lady Hackle havia trazido e o pendurou do lado de fora do guarda-roupa.

- Sabe o que ela está tramando, não? Há um cavalheiro que ela quer lhe apresentar. Não se fala de outra coisa lá embaixo. Toda essa festa foi planejada para que ela pudesse arranjar esse encontro e, tenho que dizer, senhora, não aprovo tal coisa. - A sra. Bramble tinha liberdade para falar assim com Lady Tremaine porque trabalhava para a família desde que Lady Tremaine era criança. Mas esta se perguntava como a sra. Bramble reagiria se soubesse de seu plano de assumir as rédeas da própria vida. Ela sabia que Avery

embarcaria de pronto, era um homem que sabia seguir instruções, mas como a sra. Bramble lidaria com a situação?

Lady Tremaine percebeu que a sra. Bramble continuara falando enquanto ela se perdia em seus pensamentos. Ainda tagarelava sobre o homem misterioso que Lady Hackle queria lhe apresentar.

- Ninguém ouviu falar dele. Não é da região. Dizem que é um membro da realeza de uma terra distante e que está em busca de uma esposa.

Lady Tremaine estava intrigada, mas não deixou transparecer.

- E o que houve com sua antiga esposa? - perguntou, à procura de amenizar o clima.

- Ela morreu, é claro - contou a sra. Bramble com desdém. - Há umas histórias malucas sobre a região de onde ele vem. É um lugar chamado muitos reinos. Precisa ouvir essas histórias, senhora! Mães que morrem de maneira misteriosa e ainda muito jovens, e então os viúvos as substituem por outras esposas, que também têm um destino terrível. - A sra. Bramble tinha os olhos arregalados e os lábios comprimidos. Lady Tremaine não sabia dizer se a criada estava irritada ou preocupada. Em seus olhos havia preocupação, mas os lábios eram os de alguém em pé de guerra. Talvez fossem ambos. - Não quero ver a senhora ser levada às pressas para uma terra distante onde madrastras são execradas!

Lady Tremaine sabia a razão daquilo. A sra. Bramble fora sua babá, depois criada de quarto de sua mãe, então a via quase como uma filha.

- Bem, não pretendo ser levada às pressas para lugar nenhum, sra. Bramble, e, quanto às histórias que ouviu, devo lembrá-la de como os empregados aqui no interior podem ser tolos e entediados? O que mais eles podem fazer além de inventar histórias malucas sobre lugares que nunca conheceram?

A sra. Bramble riu.

- Eu me atreveria a dizer que eles têm trabalho a fazer - falou, mas Lady Tremaine já devaneava, imaginando que fofocas eram tudo que os empregados tinham para se entreter.

- Bem, já chega dessa bobagem! - Ela estava ficando impaciente e queria encerrar o assunto, mas a sra. Bramble parecia ainda ter mais a dizer. - Desembuche! Sei que pode explodir se não compartilhar o que se passa em sua cabeça, sra. Bramble. - Ela deixou escapar uma risada, porque tudo aquilo começava a ficar ridículo.

- Não é nada engraçado, senhora. Devia ouvir as histórias que contam lá embaixo: madrastras empurradas de penhascos e suas almas aprisionadas em espelhos. A guardiã de uma criança foi atirada de uma torre, e outra foi assassinada por um homem que se casou com sua filha! Os muitos reinos não são um lugar seguro.

Lady Tremaine se perguntou se os empregados não estariam apenas pregando uma peça na pobre sra. Bramble.

- Isso me parece coisa de contos de fadas, sra. Bramble. Aliás, quando teve tempo de ouvir essas histórias? Veio direto para cá a fim de desfazer as malas.

A sra. Bramble tirou um livro de sua grande bolsa.

- Não são contos de fadas, senhora. São histórias de bruxas. Histórias reais registradas por bruxas más que interferem na vida de mulheres desavisadas. - A sra. Bramble parecia desesperada, e ficou claro para Lady Tremaine que havia algo errado com sua criada de quarto. Sim, ela era idosa e às vezes dizia umas maluquices, mas Lady Tremaine nunca a tinha visto tão perturbada.

- Entendo, sra. Bramble - disse, sentindo-se um pouco triste porque temia que talvez estivesse na hora de a sra. Bramble se aposentar. Era evidente que, se precisasse substituir a sra. Bramble, Lady Tremaine providenciaria um chalé onde ela poderia viver a aposentadoria, mas esperava não precisar tomar tal decisão durante o que esperava que fosse sua viagem para se afastar dos problemas de casa.

- Aqui, senhora. Pegue e leia isto aqui. - A sra. Bramble estendeu o livro. - Todos os sinais estão aqui. A senhora é o tipo de mulher que se encaixa nessas histórias. Bonita, rica, gentil e bondosa, e perdeu tragicamente seu esposo cedo demais. Mas algo mudará; a senhora mudará. Não sei se o que causa isso é a região dos muitos reinos ou se são as bruxas, mas

algo faz com que as madrastas dessas histórias se tornem pessoas terríveis. E não apenas as madrastas; qualquer pessoa em cuja vida as bruxas decidam interferir.

Lady Tremaine suspirou.

- E o que a faz achar que essas bruxas vão querer interferir na minha vida, querida sra. Bramble? O que elas sabem sobre mim, já que moro em Londres, bem longe dos muitos reinos? O que essas bruxas poderiam querer com Lady Tremaine?

A sra. Bramble deu uma risada alta, quase como se ela própria fosse uma bruxa.

- Como é que vou saber o que se passa no coração e na mente das bruxas? São criaturas desprezíveis, e não vou deixar que a minha patroa seja arrastada para a história delas!

Lady Tremaine notou que a agitação da sra. Bramble crescia e que ela estava prestes a dizer mais alguma coisa, mas aquela conversa a cansara, e decidiu que seria melhor se a velha criada pensasse que ela acreditava naquilo.

- Obrigada, sra. Bramble. Lerei o livro, mas insisto que fique o restante da noite descansando em seu quarto. Entendido? A senhora está muito tensa e, por mais que eu aprecie sua devoção e seus cuidados, não posso deixar que fique esgotada.

A sra. Bramble tentou protestar.

- Mas o que fará esta noite, senhora? Quem irá ajudá-la a se vestir?

Lady Tremaine suspirou. A velha criada parecia ter se esquecido de Rebecca.

- Suponho que Rebecca possa me ajudar, só esta noite, enquanto a senhora tem um merecido descanso. Podemos planejar suas férias assim que voltarmos a Londres. O que acha? Tem alguém que gostaria de visitar? Faz tempo que não vê sua irmã.

A sra. Bramble continuava agarrada ao livro, segurando-o com tanta força que Lady Tremaine achou que talvez seus velhos dedos fossem se quebrar.

- Passe o livro para cá, sra. Bramble. Prometo que o lerei. Pense em um destino para onde gostaria de ir em suas férias, e cuidarei de tudo. - Lady Tremaine puxou a corda ao lado da lareira para chamar uma criada, que apareceu em instantes. Lady Tremaine adorou ver como Lady Hackle gerenciava a criadagem com eficiência.

- Olá, querida - disse Lady Tremaine. - Poderia levar a sra. Bramble para o quarto dela e pedir para alguém lhe levar chá e, mais tarde, o jantar numa bandeja? Ela não está se sentindo bem.

- Não quero atrapalhar nem dar mais trabalho ao cozinheiro e aos outros empregados - reclamou a sra. Bramble. - Eles já estão bem ocupados com a festa desta noite.

- Bobagem - disse Lady Tremaine. - Eles não se incomodam, não é, querida?

A empregada sorriu.

- Não é incômodo algum - falou, sendo gentil com a velha criada. - Venha, sra. Bramble, vou lhe mostrar seu quarto.

Ver a sra. Bramble deixando o quarto com a jovem empregada a fez parecer ainda mais velha aos olhos de Lady Tremaine. Ela não percebera como a criada tinha envelhecido e, de repente, sentiu-se idiota por não ter notado isso antes.

- Descanse, sra. Bramble. Ficarei muito desapontada se souber que não fez isso.

A sra. Bramble deu um sorriso tímido à patroa.

- Pode deixar, senhora. Não se preocupe com a velha sra. Bramble. Estarei nova em folha amanhã. Não se esqueça do que eu disse.

Lady Tremaine sorriu para a criada.

- Não me esquecerei. Agora vá, e não saia da cama até estar totalmente recuperada - falou, enquanto as duas mulheres deixavam o aposento.

Assim que saíram, Lady Tremaine tocou o sino para chamar outra criada, e sentou-se na cama com um suspiro. Ela viajara ao interior para relaxar, não para lidar com bobagens como aquelas. Então pensou em como estariam Anastácia e Drizela, mas, antes que pudesse se levantar para escrever às filhas, ouviu alguém batendo à porta.

- Entre. - Desta vez era uma garota alta e magricela de braços e pernas compridos. - Olá. Poderia avisar à Lady Hackle que precisarei da ajuda de Rebecca para me vestir esta noite? Obrigada, querida.

A jovem criada assentiu e saiu depressa do quarto, murmurando algo. Lady Tremaine balançou a cabeça. Percebeu que o gongo da hora de vestir já soara enquanto ela conversava com a sra. Bramble, e agora parecia que ela iria se atrasar.

Talvez seja melhor eu não impressionar o cavalheiro das terras perigosas, ela pensou, rindo sozinha.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Coração gelado: a história da madrasta..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).